



**FACULDADE FASIPE CUIABÁ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

THAINA DE OLIVEIRA PINTO

**LUTO E TRATAMENTO PALIATIVO: CONTRIBUIÇÕES DO
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA FAMILIARES DE
PACIENTES PALIATIVOS**

**Cuiabá/MT
2023**

THAINA DE OLIVEIRA PINTO

**LUTO E TRATAMENTO PALIATIVO: CONTRIBUIÇÕES DO
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA FAMILIARES DE
PACIENTES PALIATIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Cuiabá – FASIPE Cuiabá, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Leonço Alvaro Costa Filho

**Cuiabá/MT
2023**

THAINA DE OLIVEIRA PINTO

**LUTO E TRATAMENTO PALIATIVO: CONTRIBUIÇÕES DO
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA FAMILIARES DE
PACIENTES PALIATIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia
– da Faculdade Fasipe Cuiabá - FASIPE como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: __/__/__

LEONÇO ALVARO COSTA FILHO

Professor Orientador

Departamento de Psicologia- FASIPE

Professor (a) Avaliador (a)

Departamento de Psicologia - FASIPE

Professor (a) Avaliador (a)

Departamento de Psicologia - FASIPE

**Cuiabá-MT
2023**

PINTO, Thaina de Oliveira. Luto e tratamento paliativo: contribuições do acompanhamento psicológico para familiares de pacientes paliativos. 2022. 16 folhas.
Projeto de Monografia — Centro Educacional - FASIPE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a importância do psicólogo hospitalar em ambientes hospitalares, principalmente nesses hospitais que atendem pacientes que necessitam de cuidados paliativos, onde há sofrimento no paciente e no familiar do mesmo, se fazendo essencial a presença de um psicólogo para acolher essa dor de ambos. O trabalho também irá mostrar o que é o luto antecipatório que os familiares dos pacientes sentem, envolvendo muita tristeza, medos e anseios, muitas vezes até negação do diagnóstico do ente querido. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica, com o intuito de fundamentar o trabalho e explicar os fatos através de autores, sendo feita uma pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Psicólogo Hospitalar. Cuidados paliativos. Luto antecipatório.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2. REVISÃO DE LITERATURA	7
3. METODOLOGIA	17
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema "Luto e tratamento paliativo: contribuições do acompanhamento psicológico para os familiares de pacientes paliativos". O objetivo principal é abordar a relação entre psicólogo e família, explorar os impactos do atendimento psicoterapêutico nesses familiares e ressaltar a importância do psicólogo hospitalar nas unidades de saúde do Brasil.

A relevância desse tema reside na oportunidade de enfatizar a importância do psicólogo hospitalar, além de apresentar conceitos e concepções relacionados ao luto, luto antecipatório e tratamento paliativo. Os familiares que acompanham um ente querido em cuidados paliativos passam pela fase do luto antecipatório, experimentando sintomas semelhantes aos do luto, mesmo que ainda não tenha ocorrido o falecimento ou a perda. Esses sintomas englobam profunda tristeza, angústia, negação do diagnóstico e da realidade, desespero e anseio.

Considerando que a família desempenha um papel fundamental na estruturação e assistência aos pacientes, além de ser integrada à equipe de cuidados, sua atitude colaborativa não apenas favorece o cuidado do paciente, mas também a mantém como objeto de cuidado.

Nesse contexto, compreender como ocorre o atendimento do psicólogo hospitalar aos pacientes e familiares e sua importância é essencial, uma vez que esses familiares, principalmente, enfrentam um sofrimento significativo e necessitam de atenção e apoio. O psicólogo, dentro do ambiente hospitalar, procura compreender esse sofrimento, além de escutar e acolher pacientes e familiares.

O objetivo deste trabalho é realizar uma ampla pesquisa bibliográfica para investigar e analisar o papel da psicologia, mais especificamente do psicólogo hospitalar, em ambientes de tratamento paliativo. Além disso, busca-se explicar como ocorre o processo de luto antecipatório, considerando a dor dos familiares e seus sentimentos, bem como a forma como

o psicólogo deve agir diante dessas pessoas e sua importância para elas. É importante destacar que, nesse momento, é difícil para os familiares compreenderem que podem perder seu ente querido.

Ao abordar esse tema, espera-se contribuir para uma maior compreensão da importância do psicólogo hospitalar no contexto do tratamento paliativo, bem como fornecer insights sobre a vivência do luto antecipatório pelos familiares e como o suporte psicológico pode auxiliá-los nesse processo delicado. A pesquisa bibliográfica realizada proporcionará embasamento teórico consistente para a análise do papel desempenhado pela psicologia nesse contexto, contribuindo para a valorização e aprimoramento da atuação do psicólogo hospitalar no cuidado dos pacientes e seus familiares.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Os cuidados paliativos são reconhecidos como uma vertente da medicina dedicada a preservar a qualidade de vida do paciente e sua família quando confrontados com as consequências de doenças incuráveis. Esta modalidade de assistência é particularmente relevante em situações de doenças avançadas ou sintomas agudos, onde a cura não é mais uma possibilidade viável, deste modo, o foco central é a prevenção e o alívio do sofrimento, seja este físico, psicológico ou espiritual, garantindo o conforto e a dignidade do paciente (MELO; VALERO; MENEZES, 2013).

Nesta razão, os cuidados paliativos têm uma abordagem holística, envolvendo não apenas o tratamento da dor física, mas também o suporte psicossocial e espiritual, no sentido de que a intervenção psicológica é crucial nesse processo, uma vez que ajuda o paciente a lidar com a ansiedade, a depressão e o estresse associados à sua condição (MELO; VALERO; MENEZES, 2013).

A psicoterapia também pode ser benéfica para os membros da família, auxiliando-os a lidar com o luto antecipatório e a fornecer apoio emocional adequado ao paciente. Nesse contexto, o papel do psicólogo pode ser multifacetado, variando desde o aconselhamento individual até a condução de grupos de suporte para a família e outras pessoas afetadas pela doença do paciente (MELO; VALERO; MENEZES, 2013).

Além disso, é importante mencionar que a espiritualidade também é um componente vital dos cuidados paliativos. Para muitos pacientes, a fé ou a busca por um propósito ou significado diante da adversidade podem fornecer um grande conforto. Assim, os profissionais de cuidados paliativos, incluindo psicólogos, devem estar preparados para abordar e respeitar esses aspectos, promovendo uma assistência verdadeiramente personalizada e compassiva. Os cuidados paliativos englobam uma abordagem multidisciplinar, visando proporcionar a melhor qualidade de vida possível ao paciente e sua família, durante um período indubitavelmente desafiador.

De acordo com Kovács (2013), os cuidados paliativos estão relacionados aos seguintes tópicos: ter conforto respiratório, não sentir dor, ter a presença da família, ter seus desejos realizados e evitar processos de distanásia, com objetivo de ofertar um melhor conforto aos indivíduos e cuidado, evocado para a própria pessoa e não para a doença. Verifica-se que os cuidados paliativos, atualmente, são vistos como uma exigência, direito e uma responsabilidade ética e social, que se dão conforme as necessidades dos enfermos e da família, proporcionando uma melhor qualidade de vida diante da morte (KOVÁCS, 2013).

Esta perspectiva alinha-se com a crescente tendência de abordagens centradas no paciente na assistência à saúde, que visam a valorizar as necessidades individuais dos pacientes e de suas famílias, buscando proporcionar a melhor qualidade de vida possível, mesmo diante da iminência da morte. Assim, os cuidados paliativos emergem como uma modalidade essencial de assistência à saúde, fundamental para preservar a dignidade e o respeito pelas preferências do paciente ao final da vida.

Para Correia e Carlo (2012), os cuidados paliativos integram uma área interdisciplinar de cuidados totais, ativos e integrais, concedidos a melhorar a qualidade de vida do paciente sem chances de cura e dos seus familiares, através da avaliação correta e de tratamentos adequados para o alívio da dor e dos sintomas resultantes da fase avançada de uma doença, além de proporcionar apoio psicossocial e espiritual, em todos os estágios, desde o diagnóstico de uma doença incurável até o período de luto da família.

Com base na afirmação de Correia e Carlo (2012), percebe-se a centralidade da interdisciplinaridade reforçando o caráter holístico dessa abordagem de cuidado. Outro aspecto a se destacar é o continuum de cuidados que se estende desde o diagnóstico de uma doença incurável até o período de luto da família. Isso sugere um compromisso contínuo e envolvente que vai além do tratamento físico da doença, proporcionando suporte emocional e psicológico durante todas as etapas do processo de luto. Portanto, a atuação do psicólogo é crucial neste contexto para assegurar a oferta desse apoio integral, que contribui para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e suas famílias.

Porto e Lustosa (2010) comentam que devido ao cenário de adoecimento, a condição do ser humano quando hospitalizado é de fragilidade física e psicológica, dessa forma a prática da psicologia hospitalar necessita de uma compreensão global, mais abrangente a respeito do homem e do seu modo de existir.

A psicologia hospitalar, de acordo com Silva (2013), busca a minimização do sofrimento pelo paciente enquanto hospitalizado. O psicólogo desta área presta serviços aos

pacientes e seus familiares como também na produção de conhecimento em hospitalar e no suporte dos demais psicólogos e profissionais da área da saúde.

Segundo Espindola e Figueiredo (2019), as atribuições do psicólogo hospitalar são, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia:

a prestação de serviços de nível secundário e terciário da atenção à saúde, realizando atividades como: atendimento psicoterapêutico; grupos psicoterapêuticos; grupos de psicoprofilaxia; atendimentos em ambulatório e unidade de terapia intensiva; pronto atendimento; enfermarias em geral; psicomotricidade no contexto hospitalar; avaliação diagnóstica; psicodiagnóstico; consultoria e interconsultoria (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019, p. 507).

Dessa forma, percebe-se que essas funções exercidas pelo psicólogo hospitalar, existe também a necessidade do acompanhamento em casos de transtornos mentais e de sintomas que surgem durante a hospitalização. É solicitado também a presença do psicólogo em casos específicos, como a realização do psicodiagnóstico observando a necessidade de informar a família sobre um acompanhamento psicológico após a alta hospitalar (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019).

É notável que o psicólogo desta área é multitarefas, mas tem como principal função a avaliação e o acompanhamento de mudanças psíquicas dos pacientes em internação e que serão submetidos às cirurgias. Proporcionando também a promoção e/ou recuperação da saúde mental através de “intervenções nas relações do paciente consigo, com o médico, com seus familiares, com o processo de adoecer e a hospitalização” (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019, p. 508).

Este profissional pode atuar também em instituições de ensino superior e em centros de estudos de pesquisa, buscando o aperfeiçoamento ou a especialização do seu trabalho e de outros profissionais na área, declaram que as instituições hospitalares o psicólogo não desempenha os atendimentos como no modelo tradicional clínico: o de setting terapêutico (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019).

Na hospitalar, é o psicólogo que se desloca até o paciente:

o espaço físico não é privado podendo ser interrompido a qualquer momento por médicos e enfermeiros cumprindo suas funções que são muito dependentes de horários rigorosos para suas intervenções (como a aplicação da medicação no horário pré-determinado), o que pode acarretar a interferência do atendimento psicológico se este estiver ocorrendo exatamente no horário prescrito da medicação (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019, p. 508).

O psicólogo sabe que sofrerá interrupções, adiamentos e cancelamentos e que essas coisas estarão fora do seu controle, dado que a prioridade de tratamento médico e medicamentoso deve ser respeitada em prol da saúde física do paciente (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019).

A análise do papel do psicólogo hospitalar, conforme apresentado por Espindola e Figueiredo (2019), evidencia a amplitude e a complexidade dessa função. Ele não é apenas um terapeuta no sentido tradicional, mas um profissional que desempenha múltiplas tarefas, abrangendo desde a psicoterapia até a consultoria e interconsultoria.

O psicólogo atua tanto no cuidado direto ao paciente, observando e respondendo a mudanças psíquicas e sintomas relacionados à hospitalização, quanto no aconselhamento e apoio à família e equipe médica. Também se destaca o papel deste profissional na promoção e recuperação da saúde mental, atuando nas interações do paciente consigo mesmo, com os médicos, com a família e com o próprio processo de adoecimento e hospitalização.

Além disso, o trabalho do psicólogo hospitalar não se limita à configuração clínica tradicional; ele muitas vezes se desloca até o paciente, adaptando-se às necessidades do ambiente hospitalar. Este profissional deve lidar com interrupções, adiamentos e cancelamentos, que são aspectos inerentes ao contexto de um hospital.

Isso requer uma certa flexibilidade e capacidade de adaptação, para equilibrar as demandas do atendimento psicológico com as necessidades médicas do paciente. Em resumo, Espindola e Figueiredo (2019) enfatizam a versatilidade e a adaptabilidade necessárias para a prática da psicologia hospitalar, bem como a importância deste profissional no cuidado integral ao paciente e na promoção da saúde mental no contexto hospitalar.

Antes de adentrar na contribuição do psicólogo hospitalar no acompanhamento psicológico para familiares de pacientes paliativos, será abordada a questão do luto. O luto é um processo que é vivenciado por grande parte das pessoas em algum momento da vida e pode proporcionar maturidade quando bem-sucedido. Por mais que o luto seja visto como normal, é um processo que causa sofrimento e requer esforço em se adaptar às novas condições de vida (SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017).

Compreender o processo de luto e como ele pode levar a um crescimento pessoal é um campo de estudo importante dentro da psicologia. A ideia de que o luto pode conduzir a um crescimento ou maturidade quando bem-sucedido é respaldada por Gomes (2022) principalmente dentro do campo da psicologia do luto e da perda.

Em termos de evidências empíricas, Gomes (2022) examinou a relação entre o luto e o crescimento pós-traumático, um conceito que se refere a melhorias psicológicas positivas após enfrentar eventos traumáticos. A pesquisa permitiu compreender que o luto é uma experiência individual e complexa que varia amplamente entre as pessoas. Nem todos os indivíduos que vivenciam o luto experimentarão crescimento ou maturidade, e alguns podem enfrentar dificuldades prolongadas ou complicações.

As perdas por morte devem demandar uma abordagem terapêutica por conta do impacto negativo que eventualmente resultam em vários aspectos da vida do enlutado. Em vista disso, muitas abordagens da psicologia, como a terapia cognitiva comportamental (TCC), psicoterapia psicanalítica, humanista, entre outras, procuram analisar a questão do luto na esfera clínica (SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017).

De acordo com Santos, Yamamoto e Custódio (2017), a terapia do luto tem como principal objetivo “ajudar o paciente a processar a dor da perda, ajudá-lo a perceber a morte como um fato natural da vida, inerente ao ser humano e ressignificar o mundo com a ausência desse ente perdido” (2017, p. 2). Por essa razão, o propósito, portanto, é trazer à consciência o sofrimento pela perda, com a intenção de que não haja a contenção desses sentimentos que pode ocasionar em um luto crônico e sem resolução, na maioria dos casos.

Na análise da contribuição dos psicólogos no processo de luto, Santos, Yamamoto e Custódio (2017) ressaltam a importância crucial do suporte psicológico para ajudar os indivíduos a processar a dor da perda e a ressignificar a vida na ausência do ente querido. Esta afirmação aponta para a complexidade do luto e a necessidade de uma abordagem terapêutica personalizada para lidar com essa experiência.

Embora o luto seja um processo natural e esperado após a perda, ele é caracterizado por um intenso sofrimento e requer um grande esforço adaptativo. No contexto do luto, a intervenção do psicólogo é de extrema relevância para evitar que esse processo evolua para um luto crônico ou sem resolução. O papel do psicólogo neste cenário não é apenas ajudar a processar a dor, mas também auxiliar o indivíduo a integrar a morte como um aspecto natural da vida e a encontrar novos significados em um mundo transformado pela perda.

Assim, a terapia de luto, independentemente da abordagem psicológica adotada, visa ao bem-estar emocional do indivíduo, ajudando-o a expressar e processar seus sentimentos, e não reprimir o sofrimento. Desta forma, o psicólogo desempenha um papel fundamental no suporte a indivíduos enlutados, contribuindo para a sua adaptação a uma nova realidade e para a promoção da sua saúde mental.

A contribuição da psicologia no contexto da saúde, principalmente na esfera hospitalar, foi primordial nestes últimos anos para enxergar o ser humano para além de sua dimensão físico-biológica e vê-lo em um contexto maior de sentido e significado nas suas dimensões psíquica, social e espiritual (PORTO; LUSTROSA, 2010).

Dessa forma, por fazer parte de uma equipe multiprofissional em cuidados paliativos, a psicologia hospitalar ajuda em várias atividades, por meio de conhecimentos adquiridos ao campo da mente e das vivências e expressões da mesma, através do corpo. As ações da

psicologia em cuidados paliativos não se restringem somente ao paciente em fase terminal de vida, “mas devem incluir a família, como parte inexplicável da unidade de cuidados, mesmo que estes tenham que ser observados em sua especificidade” (PORTO; LUSTROSA, 2010, p. 89).

O profissional tem como função identificar maneiras de troca entre paciente, família e com a unidade de cuidados, com o intuito de promover uma boa aceitação aos cuidados que serão realizados, “em um nível controlado de desgaste profissional e pessoal entre essa tríade, através de uma comunicação eficiente” (PORTO; LUSTROSA, 2010, p. 89).

A análise da contribuição da psicologia hospitalar no contexto dos cuidados paliativos, conforme destacado por Porto e Lustrosa (2010), revela a importância de enxergar o ser humano além de sua dimensão física, reconhecendo suas necessidades psíquicas, sociais e espirituais. A atuação da psicologia hospitalar não se limita apenas ao paciente em fase terminal, mas se estende à família, que é considerada parte integrante e essencial do processo de cuidado.

Nesse sentido, o psicólogo desempenha um papel fundamental na identificação das dinâmicas de interação entre paciente, família e equipe de cuidados, com o objetivo de promover uma aceitação positiva dos cuidados e uma comunicação eficiente.

Além disso, é ressaltada por Melo, Valero e Menezes (2013) a importância de o profissional equilibrar seu desgaste pessoal e profissional, garantindo um cuidado de qualidade para a tríade paciente-família-equipe. Essa análise evidencia o papel crucial da psicologia hospitalar no cuidado integral e na promoção do bem-estar emocional de todos os envolvidos no processo de cuidados paliativos.

O psicólogo possui o papel de promover a inserção dos aspectos psicológicos e espirituais da assistência ao doente; além de ofertar uma maneira de apoio para auxiliar a paciente, ajudar a família do indivíduo a lidar com a doença ou, se necessário, com o luto e luto antecipatório, se fazendo tudo isso como função do psicólogo (MELO; VALERO; MENEZES, 2013).

Mais que uma atuação definida por um local, a "Psicologia hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento" – aquele que se "dá quando o sujeito humano, carregado de subjetividade, esbarra em um "real", de natureza patológica, denominado "doença"” (SIMONETTI, 2004, p. 15).

Diante disso, fica determinado que

a psicologia hospitalar não trata apenas das doenças com causas psíquicas, classicamente denominadas "psicossomáticas", mas sim dos aspectos psicológicos de toda e qualquer doença, uma vez que é factível que toda doença encontra-se repleta

de subjetividade, e por isso pode se beneficiar do trabalho da psicologia hospitalar (SIMONETTI, 2004, p. 15).

Os indivíduos próximos da morte precisam de alguém que possa estar com elas na dor, estabelecendo um espaço para que suas dúvidas, angústias, anseios e as esperanças consigam ser acolhido, o que denomina de morte anunciada. A morte anunciada, como uma maneira do paciente ter a oportunidade de traduzir e dar um significado para a experiência da morte ou, ressignificar a própria vida (PORTO; LUSTROSA, 2010).

Os profissionais da Psicologia devem, portanto, conforme Hennezel (2001), obter uma formação que entenda o primordial do atendimento psicológico, que olhe para o comportamento humano e suas necessidades, apoie e encoraje o paciente a expor seus pensamentos e sentimentos, contribua na minimização do sofrimento, ampare no enfrentamento de perdas, abranja a família em todo o processo ao lado do paciente, e que, contribua para uma morte com dignidade por meio de comunicação adequada e acolhedora.

O papel do psicólogo nos cuidados paliativos é conceder apoio psicológico e ter competências de comunicação, para conseguir encontrar meios de equilíbrio entre os diferentes saberes de toda a equipe de profissionais de saúde, estes que devem conter entendimento a respeito da dinâmica psicológica nas doenças terminais, possibilitando e facilitando a troca de conhecimentos entre estes profissionais da saúde, pacientes e familiares (FERREIRA; LOPES; MELO, 2011).

A atuação do psicólogo hospitalar nos cuidados paliativos é de oferecer um novo sentido aos critérios pertencentes à qualidade, ao valor e ao significado da vida. Portanto, a sua atuação baseia-se em contribuir no processo do cuidado paliativo, no qual a preocupação principal é de dar qualidade de vida na morte, promovendo ao paciente e seus familiares uma possibilidade de escuta das suas necessidades (PORTO, LUSTROSA, 2010).

Romano (1999) explica que se pode compreender o psicólogo hospitalar como aquele que trabalha em nível clínico, atendendo o paciente associado à instituição assistencial. Nessa atuação, a função do psicólogo está relacionada à promoção e manutenção da saúde física e psíquica, obtendo como um dos objetivos principais procurar a minimizar o sofrimento do doente e de sua família, decorrente da doença-hospitalização.

Em suma, para Espindola e Figueiredo (2019), o psicólogo no hospital vem ganhando o seu espaço na área diariamente, salientando a sua importância para outros profissionais da saúde:

... e sempre respeitando a integridade física do paciente, assim como busca compreender o papel das variáveis psicológicas sobre a manutenção da saúde, o

desenvolvimento de doenças e comportamentos associados às doenças, dando assistência para o paciente, a família e a equipe. Resultando em um trabalho de extrema importância para a promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019, p. 510).

A família do paciente, ao receber a informação da doença ou hospitalização de um de seus entes queridos, acaba desequilibrando-se, podendo até mesmo desenvolver algum tipo de doença decorrente do estresse. Dessa maneira, deve ser vista e observada pelo psicólogo. Essa profissão é necessária para nos dar informações sobre o indivíduo doente e também como objeto de nossa intervenção (ROMANO, 1999).

É fundamental o avanço desta área da psicologia no Brasil, principalmente em relação à inserção destes profissionais nas unidades hospitalares do Brasil, mesmo que haja um projeto de lei que concorda com a presença do psicólogo hospitalar, não são todas as unidades que oferecem este serviço em sua rede de atendimento (ESPINDOLA; FIGUEIREDO, 2019).

Por conta disso, seria interessante um estudo focado na importância do psicólogo hospitalar, o seu impacto na família destes pacientes e como a psicologia poderia ajudar neste luto antecipatório destes familiares. Por fim, "a psicologia hospitalar vem se desenvolvendo no âmbito de um novo paradigma epistemológico que busca uma visão mais ampla do ser humano e privilegia a articulação entre diferentes formas de conhecimento" (SIMONETTI, 2004, p. 25-26).

Em relação à atuação do psicólogo hospitalar, Vieira e Waischunng (2018) afirmam ser notável o seu crescimento e reconhecimento no campo da saúde, especialmente no que diz respeito à compreensão do papel das variáveis psicológicas na manutenção da saúde, desenvolvimento de doenças e comportamentos associados a elas.

Vieira e Waischunng (2018) destacam que a atuação do psicólogo se estende não apenas ao paciente, mas também à família e à equipe de saúde, resultando em um trabalho de extrema importância para a promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças. O psicólogo no contexto hospitalar desempenha um papel fundamental ao respeitar a integridade física do paciente e ao oferecer assistência psicológica que considera as necessidades individuais e a complexidade das relações envolvidas no processo de cuidado.

A família do paciente desempenha um papel crucial no contexto do adoecimento e hospitalização, e é importante reconhecer os impactos emocionais que essa situação pode causar. O psicólogo hospitalar tem como objetivo não apenas fornecer informações sobre o paciente, mas também intervir junto à família, compreendendo suas necessidades e oferecendo suporte emocional. O acompanhamento psicológico é fundamental para auxiliar a família a lidar

com o desequilíbrio emocional decorrente da doença ou hospitalização de um ente querido, contribuindo para a sua saúde e bem-estar (VIEIRA, WAISCHUNNG, 2018).

Nem todas as instituições oferecem esse serviço em sua rede de atendimento, o que evidencia a necessidade de ampliar o acesso e a disponibilidade desse profissional. Nesse sentido, é fundamental que sejam realizados estudos que enfatizem a importância do psicólogo hospitalar, destacando o seu impacto na família dos pacientes e explorando como a psicologia pode contribuir para lidar com o luto antecipatório desses familiares.

Essas investigações podem fornecer subsídios valiosos para fortalecer a atuação desse profissional e promover um cuidado mais abrangente e sensível às necessidades emocionais das famílias.

No contexto da psicologia hospitalar, Assis e Figueiredo (2018) observam um movimento de desenvolvimento em direção a um novo paradigma epistemológico, que busca uma visão mais ampla do ser humano e valoriza a articulação entre diferentes formas de conhecimento.

A abordagem explanada por Assis e Figueiredo (2018) reconhece a complexidade do processo de adoecimento e hospitalização, privilegiando uma compreensão mais abrangente do indivíduo e a promoção de intervenções que considerem as dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais. Dessa forma, a psicologia hospitalar se posiciona como uma área que busca ir além do tratamento clínico tradicional, integrando-se ao contexto hospitalar de forma a oferecer cuidados mais abrangentes e humanizados.

Mediante a todos os apontamentos, pode-se afirmar que os cuidados paliativos, psicologia hospitalar e terapia de luto são campos de estudo e prática que, apesar de seus valores inegáveis, não estão isentos de críticas e controvérsias. Como em qualquer disciplina científica ou prática clínica, há uma gama de perspectivas e debates que informam, desafiam e ajudam a moldar esses campos.

Em relação aos cuidados paliativos Telles et al. (2021) afirma que dentre os apontamentos, uma crítica comum é que eles podem ser iniciados muito tarde no curso da doença de um paciente. A percepção equivocada de que os cuidados paliativos são exclusivamente para os estágios terminais da doença pode levar a decisões tardias de envolver esses serviços, limitando a qualidade de vida do paciente e a eficácia dos cuidados. Além disso, existem desigualdades significativas no acesso a esses serviços, com os cuidados paliativos muitas vezes menos disponíveis para populações marginalizadas.

Quanto à psicologia hospitalar, a crítica frequentemente levantada é que ela muitas vezes é vista como secundária ao cuidado físico em ambientes de saúde. Há um desafio contínuo

na integração efetiva da psicologia hospitalar na prática clínica geral, e a necessidade psicológica dos pacientes pode ser negligenciada em favor dos cuidados médicos prioritários. Há também uma falta de recursos e apoio estrutural em muitos sistemas de saúde para integrar efetivamente a psicologia hospitalar (TELLES et al., 2021).

Em relação à terapia de luto, a principal controvérsia reside em torno das tentativas de categorizar e padronizar a experiência do luto. Por exemplo, a inclusão do "Transtorno de Luto Prolongado" no DSM-5 gerou um debate significativo, com críticos argumentando que pode patologizar a normalidade e a variação individual do luto. O termo "Transtorno de Luto Prolongado" foi cunhado por M. Katherine Shear, uma renomada pesquisadora e psicóloga especializada em luto e transtornos relacionados ao luto. Ela desenvolveu o conceito e os critérios diagnósticos para o Transtorno de Luto Prolongado, também conhecido como Luto Complicado, na década de 1990. Seus estudos e contribuições têm sido fundamentais para a compreensão e o diagnóstico dessa condição. A eficácia da terapia de luto também é um tópico de debate, com algumas pesquisas sugerindo que pessoas com luto não complicado podem não se beneficiar de tais intervenções.

Ao considerar estas críticas e controvérsias, é essencial não diminuir o valor e a importância dos cuidados paliativos, da psicologia hospitalar e da terapia de luto. Em vez disso, esses debates devem informar pesquisas futuras, políticas e práticas clínicas para aprimorar ainda mais a eficácia e acessibilidade desses serviços. A diversidade de opiniões e pesquisas nesses campos só serve para destacar a complexidade do cuidado humano e a necessidade contínua de avaliação crítica e reflexão.

3. METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso baseia-se em uma abordagem de pesquisa básica, buscando gerar conhecimentos válidos que contribuam para o avanço da ciência no campo da psicologia. O foco da investigação é explorar a relevância do papel do psicólogo no contexto do luto antecipado vivenciado pelos familiares de pacientes em tratamento paliativo (NASCIMENTO, SOUSA, 2016).

A pesquisa será conduzida com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a atuação do psicólogo nesse cenário específico, levando em consideração as particularidades do luto antecipatório e seus impactos nas famílias. Serão utilizadas metodologias adequadas para coletar e analisar dados, visando fornecer subsídios que possam contribuir para a promoção de estratégias efetivas de apoio e acompanhamento psicológico nesse contexto.

Ao explorar essa temática, espera-se identificar as demandas emocionais e psicossociais dos familiares que vivenciam o luto antecipatório, bem como compreender como o psicólogo pode desempenhar um papel fundamental na oferta de suporte e intervenção adequada. Além disso, será importante investigar as estratégias e abordagens mais eficazes para lidar com os desafios emocionais e promover o bem-estar dessas famílias durante o processo de tratamento paliativo.

Por meio dessa pesquisa, busca-se preencher uma lacuna no conhecimento científico, destacando a importância de uma atuação qualificada do psicólogo nesse contexto específico. Espera-se que os resultados obtidos possam fornecer subsídios para aprimorar a prática profissional e promover um cuidado mais completo e sensível às necessidades emocionais das famílias que enfrentam o luto antecipatório em situações de tratamento paliativo.

A abordagem utilizada será a qualitativa, com o objetivo de interpretar fenômenos e atribuir significados a eles. Adotando a pesquisa exploratória (GIL, 1991), com a finalidade de tornar explícita essa temática e mostrar o impacto do psicólogo para estes familiares.

A escolha de uma abordagem qualitativa para explorar a temática do luto antecipatório e o papel do psicólogo nesse contexto é baseada em várias considerações. A natureza complexa e profundamente pessoal do luto antecipatório torna-o um fenômeno que é muitas vezes melhor compreendido através de métodos qualitativos, que permitem uma exploração aprofundada e individualizada das experiências humanas.

Primeiramente, a abordagem qualitativa permite uma investigação rica e detalhada das experiências dos indivíduos. Isso é particularmente importante ao se estudar o luto antecipatório, que pode variar consideravelmente entre os indivíduos com base em fatores como cultura, religião, experiências de vida e a natureza do relacionamento com a pessoa que está morrendo. Os métodos qualitativos permitem que os pesquisadores capturem essa variação e entendam as nuances da experiência do luto antecipatório.

Em segundo lugar, a pesquisa qualitativa permite a exploração das percepções, sentimentos e perspectivas dos indivíduos. No contexto do papel do psicólogo no luto antecipatório, a abordagem qualitativa pode proporcionar insights valiosos sobre como os psicólogos percebem e abordam seu papel, quais estratégias eles acham eficazes, e quais desafios eles enfrentam. Isso pode ajudar a informar a prática e o treinamento clínico, bem como identificar áreas que necessitam de mais apoio ou recursos.

Quanto aos procedimentos técnicos será usado a pesquisa bibliográfica:

busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

O estudo em questão será fundamentado por meio de uma meticulosa investigação bibliográfica, na qual serão empregadas referências já estabelecidas e validadas no meio científico. Nesse contexto, será realizada uma criteriosa compilação de uma gama diversificada de estudos sobre o luto e o tratamento paliativo, com particular atenção ao papel das contribuições do acompanhamento psicológico para os familiares de pacientes submetidos a tratamentos paliativos.

Para tal, a pesquisa explorará diversos bancos de dados acadêmicos de alto reconhecimento e credibilidade, tais como Google Acadêmico, Scielo, Science Direct, Pepsic e CAPES. Cabe destacar que todas as referências bibliográficas empregadas nesta pesquisa

provêm de artigos científicos e periódicos que mantêm uma relação direta com a temática central da investigação, assegurando, assim, a relevância e a pertinência dos dados coletados.

Os critérios de inclusão e exclusão serão claramente definidos. Para serem incluídos na revisão, os estudos devem se concentrar especificamente no luto antecipatório e no papel do psicólogo nesse contexto. Eles também devem ser estudos primários que apresentem dados originais ou análises, e devem ser publicados em revistas acadêmicas revisadas por pares para garantir a qualidade dos dados. Artigos que não se enquadram nestas categorias serão excluídos.

A seleção dos estudos será feita em duas etapas. Primeiro, os títulos e resumos dos estudos identificados na busca serão examinados para determinar sua relevância para o tópico de pesquisa. Se um estudo parece potencialmente relevante, o texto completo será obtido e analisado para determinar se ele cumpre todos os critérios de inclusão.

Para assegurar a pertinência dos dados coletados, utilizaremos termos de busca relevantes, como "luto antecipatório", "psicologia", "papel do psicólogo", e combinaremos estes termos de maneira apropriada para capturar uma gama de estudos relevantes. Também limitaremos nossa busca a estudos publicados nos últimos dez anos para garantir a relevância contemporânea dos dados.

A seleção de estudos será realizada por dois revisores independentes para minimizar o viés e aumentar a confiabilidade do processo. Qualquer desacordo entre os revisores será resolvido através de discussão e, se necessário, a consulta a um terceiro revisor. Ao adotar esses critérios e processos de seleção, garantiremos que nossa pesquisa bibliográfica seja rigorosa, confiável e forneça uma visão completa e atualizada do campo de estudo.

A decisão por este método de pesquisa bibliográfica ressalta o potencial intrínseco desta abordagem que, quando adequadamente conduzida, promove a conjunção de múltiplas formas de conhecimento. Neste sentido, nosso objetivo é fornecer uma análise meticulosa e integrativa a respeito do luto e dos tratamentos paliativos, alinhando distintas disciplinas e corpos de conhecimento. Desse modo, esperamos alcançar uma compreensão mais profunda e inclusiva sobre esta problemática que se apresenta como notoriamente complexa e multifacetada.

Neste estudo sobre o luto antecipatório e o papel do psicólogo, além da pesquisa bibliográfica, uma série de outras técnicas e métodos serão utilizados.

A coleta de dados será realizada através de uma revisão sistemática da literatura, uma metodologia rigorosa que envolve a busca sistemática por todas as pesquisas publicadas relevantes para a questão da pesquisa. Este método envolve seguir protocolos claros e explícitos para busca e seleção de estudos, com o objetivo de minimizar o viés e fornecer uma visão abrangente e objetiva do campo de estudo. As bases de dados acadêmicas serão pesquisadas

usando palavras-chave relevantes para identificar estudos que exploram o luto antecipatório e o papel do psicólogo nesse contexto.

Após a coleta de dados, a análise será realizada usando a técnica de análise de conteúdo. Este é um método qualitativo que permite a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifestado nas comunicações. Neste caso, os artigos selecionados serão cuidadosamente lidos e os dados relevantes serão extraídos e categorizados. Este processo inclui a identificação de temas ou padrões que emergem dos dados, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências e percepções relacionadas ao luto antecipatório e ao papel do psicólogo.

Além disso, para assegurar a validade e confiabilidade da análise, um processo de triangulação será usado. Isso significa que os resultados serão verificados através da comparação com outras fontes ou dados para verificar a consistência.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica, a revisão sistemática, a análise de conteúdo e a triangulação formarão o cerne dos procedimentos técnicos usados nesta pesquisa. Cada um desses métodos contribui para a profundidade e rigor da análise, e juntos eles permitirão uma compreensão abrangente e confiável do tema em estudo.

A condução ética da pesquisa é um princípio fundamental que garante a proteção dos direitos e do bem-estar dos participantes, e é essencial em todos os tipos de pesquisa, incluindo pesquisas bibliográficas. Embora este estudo sobre o luto antecipatório e o papel do psicólogo não envolva diretamente os participantes, ainda assim consideramos vários aspectos éticos.

O estudo será submetido à aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa antes do início. Embora uma revisão sistemática de estudos publicados não envolva diretamente os participantes da pesquisa e geralmente não exija o mesmo nível de revisão ética que a pesquisa primária, essa etapa garante que a pesquisa é conduzida de acordo com os padrões éticos mais altos e proporciona uma camada adicional de responsabilidade.

Além disso, a privacidade e a confidencialidade serão garantidas em todas as fases da pesquisa. Embora os dados coletados sejam de estudos publicados e, portanto, já sejam de domínio público, qualquer informação potencialmente identificável que seja descoberta durante o processo de revisão será mantida em estrita confidencialidade.

Na análise dos estudos, teremos especial atenção aos aspectos éticos das pesquisas originais. Por exemplo, observaremos se os estudos foram aprovados por seus próprios comitês de ética e se os direitos e o bem-estar dos participantes foram adequadamente protegidos.

Por fim, todos os resultados serão relatados de maneira justa e precisa, e todas as fontes de dados serão adequadamente citadas. Isso garante o reconhecimento adequado do trabalho dos outros e evita a plagiaria.

Em resumo, embora a natureza da pesquisa bibliográfica limite alguns dos aspectos éticos típicos da pesquisa primária, estamos comprometidos em conduzir esta pesquisa com a máxima integridade ética, respeitando os direitos e a dignidade de todos os envolvidos.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O objetivo estabelecido neste estudo visa ilustrar a relevância da intervenção psicológica durante o luto antecipatório de familiares que possuem parentes em tratamento paliativo. O luto antecipatório é o processo de luto que ocorre antes da morte real e pode ser intensificado em contextos de tratamento paliativo, onde a morte é um desfecho previsto. O papel do psicólogo, neste caso, é fornecer suporte emocional e estratégias de enfrentamento para ajudar os familiares a lidar com a perda iminente.

No transcorrer do desenvolvimento deste estudo, diversas plataformas acadêmicas de consulta foram meticulosamente exploradas com o intuito de coletar dados relevantes e atualizados. Para tal, foi aplicada uma estratégia de busca estruturada, que envolveu a utilização de descritores específicos como "Luto antecipatório", "Intervenção psicológica", "Psicólogo hospitalar", "Tratamento paliativo" e "Familiares em luto", assim como termos derivados e correlatos.

Esta abordagem criteriosa de busca permitiu a identificação de uma série de pesquisas cujos conteúdos e resultados são essenciais para a compreensão aprofundada do tema em questão. A seguir, procederemos à descrição detalhada das pesquisas selecionadas para a nossa análise, apresentando suas principais contribuições e limitações no contexto do luto antecipatório e do tratamento paliativo.

4.2 Descrição das pesquisas selecionadas

A primeira pesquisa incluída em nossa análise foi o estudo bibliográfico de abordagem qualitativa exploratória conduzido por Massocatto e Codinhoto (2020). Este estudo ambicioso tinha como objetivo principal entender a atuação do psicólogo em contextos de morte anunciada, envolvendo pacientes, familiares e a equipe de cuidados. Este estudo é notável por

sua profundidade e foco, uma vez que traz à luz a importância crucial do papel do psicólogo em auxiliar na elaboração dos sentimentos complexos e intensos que emergem nessa situação de limite.

Ao explorar a contribuição do psicólogo em tais cenários, Massocatto e Codinhoto efetivamente delinearam a necessidade e a relevância deste profissional na mitigação do sofrimento emocional dos envolvidos. Este estudo, assim, nos proporciona uma visão inestimável das maneiras pelas quais os psicólogos podem facilitar a navegação pelas águas tumultuadas do luto antecipatório, oferecendo suporte emocional e estratégias de enfrentamento para aqueles que se encontram diante da eminência de uma perda irreparável.

Entretanto, o estudo de Massocatto e Codinhoto (2020) também possui algumas limitações que precisam ser consideradas. Em primeiro lugar, o foco da pesquisa é estritamente na perspectiva do psicólogo, o que pode deixar de lado outros aspectos cruciais da experiência do luto antecipatório, como as perspectivas dos pacientes e de seus familiares. Além disso, o estudo tem um caráter exploratório e qualitativo, que, embora valioso para aprofundar a compreensão do papel do psicólogo, pode não ser suficiente para generalizar suas descobertas para todos os contextos ou populações.

Contudo, apesar dessas limitações, o estudo de Massocatto e Codinhoto (2020) oferece uma contribuição valiosa para a literatura sobre luto antecipatório e o papel do psicólogo, lançando luz sobre um aspecto muitas vezes negligenciado do cuidado a pacientes em fim de vida.

Como segunda referência relevante para o presente estudo, destaca-se a contribuição de Flach et al. (2012), com o artigo intitulado O luto antecipatório na unidade de terapia intensiva pediátrica: relato de experiência. Neste trabalho, os autores se concentram no fenômeno do luto antecipatório observado em pacientes e seus familiares internados na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) do Hospital da Criança Santo Antônio.

A experiência de perdas prolongadas, desde o momento do diagnóstico até a morte propriamente dita do familiar-paciente, é evidenciada, buscando uma maior compreensão de como esse processo se desdobra dentro do contexto da UTIP. O estudo adota uma abordagem teórica de revisão, explorando temas como perda e família, morte e luto, culminando na compreensão do luto antecipatório.

Os autores integram várias vinhetas do cotidiano da UTIP, ilustrando a delicadeza e a importância do papel de auxiliar essas famílias na elaboração de perdas e, muitas vezes, na facilitação de despedidas significativas. Este artigo representa uma fonte valiosa de insights

para nossa análise, dada a ênfase que coloca na complexidade e na multiplicidade de emoções envolvidas no luto antecipatório em um ambiente de cuidados intensivos pediátricos.

Frente a todos os benefícios científicos presentes no estudo de Flach et al. (2012), sendo um relato de experiência, o estudo não é capaz de oferecer uma visão representativa e abrangente do fenômeno do luto antecipatório na UTIP. A inclusão de mais experiências de diferentes contextos poderia enriquecer ainda mais a compreensão do luto antecipatório.

Além disso, o estudo parece carecer de uma discussão aprofundada sobre o papel do psicólogo no luto antecipatório, uma questão de importância central para o presente estudo. Embora o papel de auxiliar as famílias seja reconhecido, uma exploração mais detalhada de como exatamente os psicólogos pode ajudar, que estratégias são mais eficazes e quais desafios eles enfrentam seria muito útil.

Por fim, o estudo, embora valioso, é mais teórico e descritivo do que analítico. Uma análise mais aprofundada das experiências e das vinhetas poderia ter fornecido insights mais profundos e nuances sobre o luto antecipatório.

Em resumo, o estudo de Flach et al. (2012) fornece uma contribuição valiosa para a compreensão do luto antecipatório em um ambiente pediátrico de cuidados intensivos. No entanto, pesquisas adicionais são necessárias para abordar suas limitações e para aprofundar ainda mais nosso entendimento deste fenômeno.

O terceiro estudo, disposto por Bastos (2019), examina as experiências de crianças e adolescentes em cuidados paliativos de câncer, bem como de seus cuidadores principais, destacando a importância do psicólogo no contexto. Este estudo, conduzido em um hospital, incorpora entrevistas narrativas que se concentram na jornada do adoecimento, nas relações interpessoais, na regulação emocional e nas projeções futuras.

Os achados apontam que o diagnóstico de câncer simboliza uma interrupção traumática caracterizada por várias perdas. A fé aparece como uma ferramenta vital para enfrentar essas perdas, enfatizando o papel do psicólogo na facilitação deste processo de enfrentamento. O luto antecipatório, vivido intensamente pelos pais, restringe a capacidade de vislumbrar o futuro, levando a um foco predominante no presente.

O estudo destaca a necessidade de o psicólogo reconhecer e validar esse luto antecipatório, muitas vezes negligenciado socialmente. Ademais, a pesquisa evidencia a presença de momentos de ambivalência emocional, realçando a importância do psicólogo no auxílio à regulação emocional e na construção de significados em busca de continuidade no self.

O trabalho de Bastos (2019) fornece uma análise aprofundada do impacto do câncer em crianças e adolescentes, bem como em seus cuidadores principais, destacando o papel fundamental do psicólogo neste contexto desafiador. No entanto, o estudo de Bastos (2019) também apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. As entrevistas narrativas, embora forneçam informações ricas e profundas, são baseadas em um número limitado de participantes, e suas descobertas podem não ser generalizáveis para outros contextos ou populações.

Além disso, a pesquisa se concentra na experiência do câncer, o que pode não capturar a totalidade da experiência do luto antecipatório em outros contextos de doenças crônicas ou terminais. Apesar dessas limitações, o estudo de Bastos (2019) oferece contribuições importantes para a compreensão do papel do psicólogo no luto antecipatório, realçando a necessidade de mais pesquisas e intervenções focadas neste aspecto da prática psicológica.

A pesquisa conduzida por Santos et al. (2021), tornou-se o quarto estudo de análise, ao qual teve como objetivo descrever e discutir a importância da atuação do psicólogo no processo do luto antecipatório em pacientes paliativos oncológicos. O estudo enfatizou os principais aspectos do sofrimento psíquico desses pacientes e destacou os possíveis benefícios na qualidade de vida proporcionados pelo atendimento psicológico ao longo do curso da doença. A pesquisa contribui para ampliar o entendimento sobre o papel do psicólogo nesse contexto específico, ressaltando a importância de seu suporte emocional na jornada dos pacientes e na promoção de uma melhor qualidade de vida durante o processo de luto antecipatório.

O estudo de Santos et al. (2021) oferece um olhar valioso sobre o papel do psicólogo no luto antecipatório em pacientes paliativos oncológicos. Entretanto, o estudo apresenta algumas limitações que devem ser levadas em consideração. A pesquisa foca em pacientes paliativos oncológicos, o que pode limitar a aplicabilidade de suas descobertas a outras populações de pacientes em cuidados paliativos.

Além disso, a pesquisa, apesar de relevante, não parece aprofundar-se nas intervenções psicológicas específicas que podem ser eficazes neste contexto, deixando um espaço para futuras investigações neste campo. Apesar dessas limitações, a contribuição de Santos et al. (2021) representa um avanço importante na compreensão do papel dos psicólogos no processo de luto antecipatório em pacientes oncológicos, ressaltando a necessidade de mais pesquisa e prática focadas neste aspecto do cuidado paliativo.

4.3 Análise dos dados

O tema do luto, seja em sua expressão antecipada ou subsequente ao evento de perda, é inerentemente complexo e multifacetado, permeado por uma miríade de emoções que variam de intensidade e natureza. Historicamente, o luto é entendido como um processo lento e doloroso, que se manifesta tanto de forma consciente quanto inconsciente. É caracterizado como um mecanismo natural de elaboração de uma perda, marcado por fases distintas que incluem negação, raiva, barganha, depressão e, eventualmente, aceitação. Esta jornada de luto, repleta de oscilações emocionais, pode estender-se ao longo de um período de um a dois anos, sendo profundamente personalizado e dependente do contexto individual (MASSOCATTO, CODINHOTO, 2020).

Paralelamente, o conceito de luto antecipatório nos convida a contemplar uma experiência de luto que se desenrola mesmo na ausência de uma perda confirmada. Originalmente proposto por Erich Lindemann em 1944, este conceito foi derivado de suas observações acerca das famílias dos soldados destinados ao combate na Segunda Guerra Mundial. De maneira semelhante ao luto pós-evento, o luto antecipatório se caracteriza por um conjunto de fases emocionais que, no entanto, são experimentadas enquanto o ente querido ainda está vivo, mas com um diagnóstico de morte iminente (MASSOCATTO, CODINHOTO, 2020).

O luto é um processo lento e doloroso que ocorre de forma consciente, bem como é considerado um processo natural na elaboração da perda, onde o enlutado passa por fases de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação em um período de um a dois anos. Já o luto antecipatório foi um conceito desenvolvido por Erich Lindemann em 1944, quando observava as famílias dos soldados que iam para as guerras, pois elas entravam em processo de luto mesmo sem a morte confirmada do familiar. As fases vivenciadas nesse processo assemelham-se as do luto normal, mas acontecem com a pessoa ainda viva e com diagnóstico de morte eminente (MASSOCATTO, CODINHOTO, 2020, p. 128).

Com base na citação apresentada, pode-se argumentar que o luto, seja antecipatório ou subsequente à perda, desempenha um papel crucial no processo de adaptação à perda. Lindemann, ao trazer à tona o conceito de luto antecipatório, nos permite expandir nossa compreensão sobre as experiências de perda e elaboração do luto.

É imperativo observar que embora as fases emocionais do luto antecipatório espelhem aquelas do luto convencional, elas se desenrolam em um contexto único de incerteza e angústia da morte iminente. Isso sugere que os mecanismos de suporte e as intervenções psicológicas

precisam ser ajustados e adaptados para atender às necessidades específicas apresentadas nesse contexto.

Deste modo, ainda referente ao conceito de luto antecipatório, em um cenário onde a perda iminente é uma realidade, sejam essas situações ligadas à doença terminal ou a outras circunstâncias, o luto antecipatório torna-se um componente importante do processo emocional vivenciado tanto pelo paciente quanto pelos entes queridos. Este fenômeno tem sido cada vez mais reconhecido no campo da psicologia como um mecanismo adaptativo, que permite uma preparação emocional e cognitiva para a inevitável ocorrência da morte.

O luto antecipatório não deve ser entendido apenas como um evento traumático, mas também como um espaço para processar a iminente perda, posto que propicia a oportunidade de começar a lidar com a dor da perda antecipada, permitindo um momento para reflexão, aceitação e, em alguns casos, até mesmo para o fechamento.

Este período de preparação emocional pode servir como um tampão contra o impacto agudo da perda quando ela realmente ocorre. De acordo com Bastos (2019, p. 18) "o luto antecipatório pode ser considerado como um fenômeno que favorece uma adaptação à situação e que permite que haja uma preparação emocional e cognitiva para a ocorrência da morte, tanto para o paciente quanto para a família."

Diante da citação apresentada, é imprescindível analisar o papel do luto antecipatório no processo de adaptação à realidade da perda iminente, de modo que este não é apenas um processo doloroso, mas também uma oportunidade de preparação. O fato de ser capaz de antecipar o luto permite ao indivíduo ou à família criar estratégias de enfrentamento para lidar com a perda, bem como aproveitar o tempo restante com o ente querido de maneira mais significativa.

O luto antecipatório pode, portanto, atuar como uma espécie de mecanismo de defesa, que amortece o choque da perda quando ela finalmente ocorre, no entanto, é importante lembrar que este processo é altamente individual e varia de pessoa para pessoa. O papel do psicólogo é crucial neste processo para apoiar o indivíduo ou a família durante este período desafiador e para ajudá-los a desenvolver habilidades de resiliência e adaptação.

Além disso, o luto antecipatório abre espaço para um diálogo mais aberto e honesto sobre a morte, que muitas vezes é evitado em nossa sociedade. Este diálogo pode proporcionar uma maior compreensão e aceitação da situação, tornando o processo de luto final um pouco mais suportável. Portanto, o luto antecipatório é um fenômeno complexo que desempenha um papel essencial na preparação para a perda e na facilitação do processo de luto subsequente.

Mesmo considerando a capacidade de preparar o indivíduo para a aceitação do inevitável, que é o fim da vida de um ente querido, não se pode negar que o luto antecipatório é um fenômeno especialmente angustiante. Ele é caracterizado por uma ampla gama de sentimentos que podem surgir em resposta à deterioração física ou psicológica de um ente querido.

Em contraste com o luto convencional, que se segue à perda, o luto antecipatório ocorre quando um indivíduo está vivendo a expectativa da perda de alguém próximo. Esse processo envolve um complexo entrelaçamento de emoções, que se manifestam enquanto o ente querido ainda está vivo, mas enfrentando uma condição que sugere uma morte iminente.

Em meio a essas emoções, surge uma condição paradoxal, na qual o cuidador, vendo a pessoa amada sofrer, pode começar a desejar que a morte ocorra, na esperança de aliviar o sofrimento de ambos. Este desejo, contudo, costuma ser acompanhado por sentimentos de culpa e impotência, que podem ser extremamente difíceis de gerir. Há, ainda, a possibilidade de a pessoa se ver confrontada com a ideia de que algo mais poderia ter sido feito para ajudar, o que pode amplificar ainda mais a sensação de culpa e impotência.

Ver a degeneração física ou psíquica de um ente querido pode gerar na pessoa do cuidador o desejo de que o paciente morra para aliviar o sofrimento de ambos, o que gera culpa, e sentimento de impotência ao ver a pessoa amada sentindo dor ou sofrendo e não poder promover o alívio, porquanto sempre haverá a idealização de que algo poderia ter sido feito para ajudar (MASSOCATTO, CODINHOTO, 2020, p. 129).

Com base na citação acima, é evidente que o luto antecipatório desencadeia uma ampla gama de emoções, muitas das quais podem ser contraditórias e angustiantes. O desejo de alívio do sofrimento, tanto do paciente quanto do cuidador, pode coexistir com sentimentos intensos de culpa e impotência. Isso destaca a necessidade de suporte e intervenções psicológicas direcionadas, capazes de auxiliar o cuidador a navegar por essas emoções complexas, e a processar a realidade da situação em questão. Estas intervenções poderiam ajudar a minimizar a culpa e a impotência, facilitando a transição para um espaço de aceitação e adaptação.

No que diz respeito ao papel do psicólogo diante das famílias em processo de luto antecipatório, a presença desse profissional é fundamental para auxiliar na gestão das diversas mudanças que ocorrem na dinâmica familiar e na rotina diária. Quando um paciente recebe um diagnóstico de doença terminal ou está passando por uma internação prolongada com risco de morte, tanto o paciente quanto a família enfrentam um período de intensa turbulência e transformação.

O psicólogo, inserido no contexto hospitalar (psicólogo hospitalar), atua com atendimento aos usuários e a seus familiares. Quando o paciente passa pelo processo de diagnóstico de morte ou internação prolongada com risco de morte, a família e o paciente enfrentam verdadeiras mudanças em sua rotina habitual. E em casos de situações de terminalidade costumam aparecer problemas que não foram resolvidos em outros momentos da vida. Nesse momento o psicólogo é de extrema importância atuando como mediador de determinada situação, para que não haja maior prejuízo ao paciente e suas relações afetivas (MASSOCATTO, CODINHOTO, 2020, p. 134).

Com base nos apontamentos de Massocatto e Codinhoto (2020), podemos apreciar o significado profundo da intervenção do psicólogo hospitalar. A complexidade das emoções e questões que podem emergir durante o luto antecipatório frequentemente traz à tona problemas não resolvidos e dinâmicas familiares intrincadas.

O psicólogo hospitalar desempenha uma função crucial como mediador, ajudando a mitigar possíveis danos ao paciente e às suas relações afetivas. Essa assistência psicológica especializada pode facilitar a navegação pela tormenta emocional, promovendo um espaço seguro para expressão, compreensão e resolução de sentimentos e conflitos, garantindo uma melhor qualidade de vida para o paciente e para a família durante este período desafiador.

Continuando a análise, é relevante mencionar que o psicólogo hospitalar não atua apenas como um mediador, mas também como um facilitador de resiliência durante o processo de luto antecipatório. A resiliência refere-se à capacidade de um indivíduo de lidar com adversidades de maneira saudável, de se adaptar à mudança e de recuperar-se rapidamente de situações difíceis. Ao fornecer apoio emocional e estratégias de enfrentamento adequadas, o psicólogo pode promover a resiliência tanto no paciente quanto em seus familiares, possibilitando que estes enfrentem a situação com maior equilíbrio e força emocional.

Quanto às incumbências e atividades do psicólogo no ambiente hospitalar, Flach et al. (2012) afirma que sua atuação desempenha um papel crucial na orientação e suporte à família confrontada com uma situação de doença terminal. De forma consistente, este profissional auxilia no esclarecimento de questões complexas e práticas que a família possa estar enfrentando no meio dessa jornada turbulenta. Ele facilita um espaço seguro para que a família possa expressar e compartilhar uma variedade de emoções, tais como ansiedade, medo e incertezas, dando assim vazão aos sentimentos que, frequentemente, não encontram voz no ambiente hospitalar.

O psicólogo, além disso, tem um papel indispensável em facilitar momentos de despedidas significativas, auxiliando a família a encontrar maneiras adequadas de dizer adeus, promovendo assim uma conclusão mais serena do ciclo da vida. Além de mediar as emoções

complexas, o psicólogo também facilita o processo de tomada de decisões, muitas vezes desafiadoras, que a família precisa fazer. Ele presta assistência na resolução de questões não resolvidas, proporcionando um suporte abrangente à família durante o processo. Em última análise, o psicólogo empodera a família com habilidades e estratégias para lidar com a multiplicidade de emoções e desafios que cercam o processo de morte e separação, contribuindo para um processo de luto mais saudável e resiliente (FLACH et al., 2012).

O psicólogo deve sempre colaborar para que o tratamento ao paciente em estágio terminal da doença respeite sua dignidade e qualidade de vida. Assim, o psicólogo pode ajudar os familiares a não estarem tão vulneráveis aos fatores de risco que podem gerar um luto complicado após a perda propriamente dita (FLACH et al., 2012, p. 92).

Sob a luz da citação acima, torna-se evidente a importância primordial do psicólogo no acompanhamento de pacientes em estágio terminal e suas famílias. Este profissional desempenha um papel crucial na garantia de que o tratamento do paciente terminal seja realizado com o máximo respeito pela sua dignidade e qualidade de vida. Tal abordagem humanizada não apenas atende aos princípios éticos da profissão, mas também contribui para a mitigação do sofrimento e o aumento da resiliência diante de uma situação extremamente desafiadora.

A intervenção do psicólogo tem implicações significativas para o bem-estar dos familiares. Ao prover apoio emocional e psicológico aos familiares, o psicólogo pode ajudá-los a se tornarem menos vulneráveis aos fatores de risco que podem levar a um luto complicado após a perda do ente querido. Portanto, a presença deste profissional no processo pode promover um luto saudável e menos traumático, com benefícios duradouros para a saúde mental e emocional dos familiares.

Essas considerações sublinham a importância do presente estudo, que visa compreender a relevância e os impactos do psicólogo no luto antecipatório de pacientes. A contribuição do psicólogo no ambiente hospitalar, especialmente em situações de terminalidade, é crucial e traz benefícios tanto para o paciente quanto para seus familiares. Portanto, aprofundar a compreensão sobre o papel deste profissional no luto antecipatório é de suma importância para melhorar a qualidade do cuidado prestado em situações de fim de vida, beneficiando tanto pacientes quanto suas famílias.

A leitura psicológica dos comportamentos no processo de luto antecipatório tem relevância crucial, posto que na medida em que esse processo se desenrola, ocorrem alterações

substanciais na dinâmica emocional dos envolvidos. Compreender essas mudanças é fundamental para oferecer a assistência emocional apropriada, especialmente em um ambiente pediátrico onde crianças estão envolvidas. As crianças, devido à sua limitada capacidade de compreensão da mortalidade e de expressão dos sentimentos de luto, podem necessitar de um apoio emocional diferenciado e adaptado às suas necessidades específicas (BASTOS, 2019).

Ocorre também uma necessidade urgente de suporte terapêutico emocional para os pais e familiares da criança em tratamento, conforme já mencionado, visto que as emoções desencadeadas pelo luto antecipatório podem afetar negativamente a capacidade dos pais de prover o cuidado necessário para a criança, bem como de oferecer um ambiente emocionalmente estável para os outros filhos. O suporte terapêutico emocional, neste sentido, pode oferecer ferramentas e estratégias para lidar com esses desafios, garantindo o bem-estar emocional de todos os membros da família (BASTOS, 2019).

Assim, torna-se igualmente importante que a equipe de cuidados esteja capacitada para continuar fornecendo assistência terapêutica útil e suporte emocional durante todo o processo. Isso evita o isolamento psicológico que a criança pode experimentar nesses contextos. A equipe de cuidados, ao estar emocionalmente preparada, pode fornecer um ambiente de suporte contínuo, ajudando a criança a lidar com as complexidades do luto antecipatório e a minimizar o trauma associado à experiência de doença terminal.

Santos et al. (2021), com base nos apontamentos de sua pesquisa, no viés das contribuições sobre a prática do psicólogo em atendimento aos tratamentos paliativos em quadros de luto antecipatório, afirmam que a escuta especializada desempenha um papel fundamental no processo de acompanhamento desses pacientes.

O psicólogo, ao estabelecer uma relação acolhedora desde o diagnóstico, cria um elo que facilita a integração e favorece o processo do luto antecipatório, que se apresenta como um desafio no campo da saúde. A abordagem multidisciplinar exige a presença do psicólogo em todas as etapas do processo, visando alcançar não apenas os pacientes, mas também seus familiares e a equipe de saúde.

Santos et al. (2021) destaca a importância de adotar uma abordagem integral, em que o psicólogo não se limite apenas ao cuidado físico, mas também considere as esferas psicossociais, familiares e espirituais dos pacientes. O cuidado oferecido tanto aos pacientes quanto aos familiares busca proporcionar uma maior compreensão sobre a doença e as perdas envolvidas, além de oferecer suporte para ressignificar as adversidades da vida. Dessa forma, o psicólogo desempenha um papel essencial no processo de luto, auxiliando na elaboração das emoções, no fortalecimento dos recursos internos e na promoção do bem-estar emocional.

Para tal, é possível afirmar a importância de abordar o luto antecipatório de forma sensível e compassiva, levando em consideração as particularidades de cada paciente e de sua família. O psicólogo, ao oferecer um espaço seguro e acolhedor para expressar as emoções e compartilhar as vivências, contribui para que o processo do luto seja vivenciado de maneira mais saudável. Além disso, a atuação do psicólogo permite que os pacientes e seus familiares encontrem significado e ressignifiquem sua experiência diante das adversidades, promovendo uma maior qualidade de vida e bem-estar psicológico.

Portanto, a pesquisa de Santos et al. (2021) reforça a importância do papel do psicólogo nos tratamentos paliativos em casos de luto antecipatório, destacando a necessidade de uma abordagem integral, sensível e compassiva. Ao oferecer suporte emocional, promover a compreensão das perdas e auxiliar na ressignificação das experiências, o psicólogo contribui para que pacientes e seus familiares atravessem esse processo de forma mais saudável e com maior qualidade de vida. A presença do psicólogo no contexto dos tratamentos paliativos é fundamental para a promoção do bem-estar emocional e para o cuidado integral das pessoas envolvidas nesse contexto desafiador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cuidados paliativos são uma abordagem terapêutica que visa melhorar a qualidade de vida de pacientes com doenças incuráveis, eles oferecem suporte físico, emocional, espiritual e social, visando aliviar sintomas e promover o bem-estar integral do paciente e de seus familiares. Nesse contexto, surge o luto antecipatório, um processo vivenciado pelos familiares desses pacientes, que enfrentam a difícil tarefa de lidar com a perspectiva da perda iminente. Diante desse cenário desafiador, o papel do psicólogo no acompanhamento aos familiares é essencial.

O psicólogo desempenha um papel fundamental no suporte emocional aos familiares de pacientes em cuidados paliativos, através de uma escuta acolhedora, o psicólogo cria um vínculo com os familiares desde o início do processo, respeitando o paciente como um todo. Isso permite uma maior integração e favorece o processo de luto antecipatório. Além disso, a atuação do psicólogo é multidisciplinar, envolvendo o trabalho conjunto com a equipe de saúde para alcançar as principais pessoas envolvidas. O cuidado oferecido pelo psicólogo tem o objetivo de proporcionar uma compreensão mais profunda da doença, auxiliar na resignificação das perdas e promover um processo de luto saudável.

Apesar do perfil acolhedor, e a escuta atenciosa do psicólogo, ao postular a atuação do psicólogo como invariavelmente acolhedora e eficaz, pode simplificar excessivamente a complexidade do trabalho psicoterapêutico. Certamente, a escuta acolhedora é um pilar fundamental da terapia, mas é essencial reconhecer que cada indivíduo e cada família possuem suas idiosincrasias e singularidades. Os contextos variam enormemente e cada caso requer uma abordagem única e adaptada às suas necessidades específicas. Portanto, embora a prática acolhedora seja central para a psicoterapia, as estratégias e intervenções empregadas pelo psicólogo devem ser suficientemente flexíveis para se moldar às circunstâncias, ao ambiente e às peculiaridades de cada paciente ou grupo familiar.

A importância do tratamento psicológico no luto antecipatório de familiares em tratamento paliativo é evidente. O acompanhamento especializado do psicólogo é fundamental para auxiliar os familiares a enfrentar o sofrimento psíquico decorrente dessa situação. O psicólogo oferece suporte emocional, ajuda na elaboração dos sentimentos de perda, angústia e incertezas, além de fornecer estratégias para lidar com os desafios do processo de luto. A intervenção psicológica possibilita aos familiares encontrar significado nesse período desafiador, promovendo uma melhor qualidade de vida e uma maior resiliência diante da perda iminente.

Dessa forma, a pesquisa apresentou a importância do tratamento psicológico no luto antecipatório de familiares que têm parente em tratamento paliativo. O psicólogo desempenha um papel crucial no suporte emocional aos familiares, oferecendo acolhimento, compreensão e orientação ao longo desse processo. O trabalho conjunto com a equipe de saúde e a abordagem multidisciplinar são fundamentais para proporcionar um cuidado integral aos familiares, fortalecendo sua saúde mental e auxiliando-os a enfrentar o luto de forma saudável. Assim, o tratamento psicológico contribui para uma melhor qualidade de vida durante o luto antecipatório, promovendo a resignificação e a reconstrução do significado da vida nesse período desafiador.

A colaboração multidisciplinar é um elemento chave na prestação de cuidados em saúde, particularmente em cenários de cuidados paliativos e de luto antecipatório. Este trabalho conjunto permite um olhar integral sobre o paciente e seus familiares, abrangendo as esferas físicas, emocionais e sociais do sofrimento humano. Por exemplo, o psicólogo pode trabalhar em estreita colaboração com médicos, enfermeiros, assistentes sociais, entre outros profissionais, para compreender melhor os desafios físicos e médicos que o paciente está enfrentando, e integrar essas informações em sua abordagem terapêutica.

Da mesma forma, a interação constante entre o psicólogo e a equipe de cuidados pode permitir um maior alinhamento e coordenação nos planos de cuidado, melhorando assim a continuidade do atendimento e a coerência das intervenções. Além disso, esta colaboração pode também facilitar o suporte emocional aos familiares, ao garantir que todas as suas preocupações e necessidades sejam atendidas de maneira integrada e coerente, abrangendo desde aspectos médicos e de cuidado até questões emocionais e sociais.

Embora a integração do psicólogo em equipes multidisciplinares de cuidados paliativos, embora seja de suma importância, pode enfrentar certos desafios. Entre os possíveis obstáculos estão a falta de compreensão clara dos papéis profissionais, resistência cultural à intervenção psicológica, e restrições de tempo e recursos. Por exemplo, outros profissionais de saúde podem

não entender completamente o escopo e a relevância do trabalho psicológico, ou pode haver preconceitos e estigmas associados à assistência psicológica.

Além disso, as demandas de tempo e os recursos limitados podem dificultar a incorporação efetiva da intervenção psicológica. Para superar essas barreiras, é crucial promover a educação contínua sobre o papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos, estimular uma comunicação aberta e respeitosa entre os profissionais de saúde, e buscar formas de otimizar o uso de recursos para garantir a prestação de cuidados psicológicos de qualidade.

Diante do luto antecipatório em pacientes em tratamento paliativo, o psicólogo desempenha um papel fundamental no suporte emocional e na promoção do bem-estar dos familiares. Uma das principais funções do psicólogo nesse contexto é oferecer um espaço de escuta acolhedora, permitindo que os familiares expressem suas emoções, medos e angústias relacionados à iminência da perda. Essa abordagem terapêutica permite que os familiares se sintam compreendidos e amparados, promovendo uma melhor adaptação ao processo de luto.

Além disso, o psicólogo atua como facilitador da comunicação entre os familiares e a equipe de saúde, contribuindo para o compartilhamento de informações relevantes e promovendo um ambiente de apoio e compreensão mútua. Esse papel mediador é fundamental para que os familiares se sintam acolhidos e amparados, reduzindo a sensação de isolamento emocional durante o luto antecipatório.

Dados apontam que a intervenção psicológica nesse contexto tem impactos positivos na saúde mental dos familiares. Estudos demonstram que o suporte emocional oferecido pelo psicólogo resulta em uma redução dos níveis de ansiedade, estresse e depressão, além de promover uma maior resiliência diante do luto. Através do acompanhamento psicológico, os familiares são capacitados a enfrentar os desafios emocionais e a desenvolver estratégias de enfrentamento adequadas, permitindo-lhes reconstruir significados e encontrar resiliência mesmo em momentos de perda iminente.

Diante dessas perspectivas, é essencial enfatizar a importância do papel do psicólogo no atendimento ao luto antecipatório em pacientes em tratamento paliativo. A abordagem especializada do psicólogo contribui para a melhoria da qualidade de vida dos familiares, promovendo o enfrentamento saudável do luto e auxiliando na reconstrução do significado da vida durante esse processo desafiador. É necessário que as equipes de saúde reconheçam a importância do suporte psicológico e garantam a presença do psicólogo nas equipes multidisciplinares de cuidados paliativos, possibilitando um cuidado integral e humanizado aos familiares que enfrentam o luto antecipatório.

Diante do exposto, é evidente a relevância do psicólogo no contexto do luto antecipatório em pacientes em tratamento paliativo. Seu papel vai além do suporte emocional, abrangendo a promoção do bem-estar, a facilitação da comunicação e a capacitação dos familiares para enfrentar os desafios emocionais decorrentes desse processo. Através de uma abordagem empática e acolhedora, o psicólogo contribui para a construção de um ambiente de apoio e compreensão mútua, auxiliando os familiares a lidar com as complexidades do luto antecipatório.

Nesse sentido, é fundamental destacar a importância da integração do psicólogo nas equipes multidisciplinares de cuidados paliativos, visando a promoção de um cuidado integral e humanizado. A presença do psicólogo possibilita uma abordagem mais completa e efetiva no atendimento aos familiares, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para o enfrentamento saudável do luto antecipatório.

Por fim, ressalta-se a necessidade de pesquisas e investimentos na área da psicologia hospitalar, com foco no aprimoramento das práticas de suporte aos familiares em processo de luto antecipatório. O aprofundamento dos estudos sobre o tema e a disseminação dos resultados podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias cada vez mais eficazes e adequadas às necessidades dos familiares nesse contexto desafiador.

Em síntese, o psicólogo desempenha um papel essencial no acompanhamento dos familiares em luto antecipatório, oferecendo suporte emocional, facilitando a comunicação e promovendo estratégias de enfrentamento saudável. Sua atuação contribui para a construção de um ambiente de cuidado integral e humanizado, possibilitando aos familiares encontrar resiliência e reconstruir significados mesmo diante da iminência da perda.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Fabiane Espindola; FIGUEIREDO, Sue Ellen Ferreira Modesto Rey de. A atuação da psicologia hospitalar, breve histórico e seu processo de formação no Brasil. *Psicol. argum*, p. 501-512, 2019.

BASTOS, Ana Clara de Sousa Bittencourt Bastos. **Na iminência da morte: cuidado paliativo e luto antecipatório para crianças/adolescentes e os seus cuidadores**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFBA, 2019.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CORREIA, F. R., CARLO, M. M. R. P. Avaliação de qualidade de vida no contexto dos cuidados paliativos: revisão integrativa de literatura. **Rev Lat Am Enfermagem**; 20(2):401-410, 2012.

DOMINGUES, Gláucia Regina et al. A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. **Psicologia Hospitalar**, v. 11, n. 1, p. 02-24, 2013.

ESPINDOLA, Fabiane; FIGUEIREDO, Sue. Atuação da Psicologia hospitalar, breve histórico e seu processo de formação no Brasil. **Psicologia Argumento**, v. 37, n. 98, p. 501-512, 2019.

FERREIRA, A. P. Q; LOPES, L. Q. F; MELO, M. C. B. O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, 2011.

FLACH, Katherine et al. O luto antecipatório na unidade de terapia intensiva pediátrica: relato de experiência. **Revista da Sociedade brasileira de psicologia hospitalar**, v. 15, n. 1, p. 83-100, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Marta Pereira Ferreira. Luto e crescimento pós-traumático: O contributo do coping e da vinculação. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado apresentado no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia da Clínica, 2022.

HENNEZEL, M. **“O Papel do Psicólogo”**. Para Uma Morte Mais Humana – Experiência de uma Unidade Hospitalar de Cuidados Paliativos. Loures: Lusociência, 2001.

KOVÁCS, M. J. **Dos tribunais aos Hospitais: O Papel do Psicólogo Diante de situações Terminais**. Belo Horizonte: ed. Del Rey LTDA, 2013.

MASSOCATTO, Francisca Isabella; CODINHOTO, Elizangela. Luto Antecipatório: Cuidados psicológicos com os familiares diante de morte anunciada. **Revista Farol**, v. 11, n. 11, p. 128-143, 2020.

MELO, A. C., VALERO, F., MENEZES, M. A **Intervenção Psicológica em Cuidados Paliativos. Psicologia, Saúde e Doenças**, vol. 14, n. 3, Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde Lisboa, Portugal, 2013.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. Classificação da Pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática—como elaborar TCC**. Brasília: Thesaurus, 2016.

PESSINI, L., BERTACHINI, L. **Humanização e cuidados paliativos**. EDUNISC-Edições Loyola, São Paulo, 2004.

PORTO, Gláucia; LUSTOSA, Maria Alice. Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 76-93, jun. 2010

ROMANO, Bellkiss Wilma. **Princípios para a prática da psicologia clínica em hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SANTOS, Anelise Henrique Farias et al. Atuação do psicólogo com pacientes oncológicos em cuidados paliativos. In: Congresso Internacional em Saúde. **Anais...** 2021.

SANTOS, Renato Caio Silva; YAMAMOTO, Yuri Molina; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. **Psicologia**, p. 1-18, 2017.

SILVA, Diogo Batista Pereira da. Psicologia Hospitalar. **Psicologia**, p. 1-5, 2013.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TELLES, Audrei Castro et al. Transição para o cuidado paliativo exclusivo de mulheres com câncer de mama. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, 2021.

VIEIRA, André Guirland; WAISCHUNNG, Cristiane Dias. A atuação do psicólogo hospitalar em Unidades de Terapia Intensiva: a atenção prestada ao paciente, familiares e equipe, uma revisão da literatura. *Revista da SBPH*, v. 21, n. 1, p. 132-153, 2018.